

O Culto de S. Nicolau em Portugal durante a Idade Média (apontamentos para o seu estudo)

JULIETA ARAÚJO¹

Faculdade de Letras de Lisboa

Resumo: No final da época clássica, início do cristianismo, vários pensadores se destacaram no esforço de criarem um corpo teórico definido que servisse de orientação para os fiéis. As diversas interpretações e os ataques feitos pelos pagãos levavam a debates cheios de interesse, onde a refutação obriga a profundas reflexões sobre os temas. A esta indefinição junta-se a mescla entre a cultura clássica e a nova crença. Época de certezas e de dúvidas potencializa o aparecimento de crentes que se destacam pela defesa da nova fé através dos atos e não só das palavras e é aqui que gostaríamos de destacar S. Nicolau. Santo do cristianismo vai ser associado a festejos pagãos e à ideia do pai Natal.

Palavras chave: S. Nicolau, protetor dos estudantes, Idade Média.

Summary: At the end of the classical period, and the beginning of Christianity, several thinkers stood out in the effort to create a definite theoretical body that would guide the faithful. The various interpretations and attacks made by the pagans led to debates full of interest, where the refutation requires deep reflections on the themes. To this undefinition is added the mixture between the classical culture and the new belief. A time of certainties and doubts enhances the appearance of believers who stand out for the defence of the new faith through the acts and not only of words and it is here that we would like to emphasize St. Nicholas. Holy of Christianity is going to be associated with pagan festivities and with the idea of Father Christmas.

Keywords: S. Nicholas, protector of students, Middle Ages.

Recebido em 13/04/2019 e aceito em 24/06/2019.

1. Professora auxiliar da Faculdade de Letras de Lisboa, Departamento de História, investigadora do Centro de História, Temas: História Medieval Peninsular e Descobrimentos e Expansão Portuguesa,

Dentro da hagiografia Medieval vários Santos se destacam, S. Nicolau por ser o protetor dos estudantes suscitou-nos especial atenção que agora retomamos, sendo este trabalho apenas mais uma aportação para o tema.

Os Romanos, grandes cultores da História deixaram um vasto património escrito, entre ele biografias que nos permitem vislumbrar a sua época, como a História Augusta (VÁRIOS, 2013). O seu apreço pela escrita preservou para um suporte material os principais acontecimentos, personagens, mas também os intangíveis e fugazes pensamentos ou reflexões.

Com a chegada do cristianismo, este difundiu-se pelo Império encaminhando-se para a Europa. E com a adoção, por este, das estruturas romanas já existentes, quer administrativas quer processuais, estende-se o uso de documentação. Outros fatores também contribuiram para que se passasse à forma escrita a memória dos povos, o que se provou ser precioso para a salvaguarda do passado. Também a Igreja procurou preservar os seus ensinamentos sob a forma escrita.

A necessidade de clarificação e definição e os ataques a que, a nova religião está submetida, leva a que, logo nos séculos iniciais, haja debates entre os Pais da igreja e os seguidores da religião romana, pagãos.

Este esforço para a definição do corpo dogmático, que se moldava em cada ronda de debates e em cada concílio, será parte da estrutura teórica do cristianismo. Época de ebulição de ideias e interpretações, com grandes nomes a surgirem quer na defesa dos dogmas quer na vivencia da fé.

Assim após a morte de cristo e como resultado dos seus ensinamentos vão destacar-se crentes, que pelos seu atos e contribuições conseguem atingir a santidade :

“como foráo aquellas Chagas confiado (Cristo) em que a igreja Espoza sua cà da terra o proueria de nouas

mercaderias (seguidores), de nouo fruto de feus diuínos talentos, que lá apresentasse a seu Eterno pay; cada dia desse os agardecimêtos aquellas sacratíssimas mios, esta hũas chagas que stando là no Ceo, fazião tanto fruto na terra” (FEO, MDCXVI, p.171).

Encontramos teólogos que aglutinam em si os conhecimentos do classicismo com a crença no cristianismo. É o caso de Tito Flávio Clemente, nascido em Atenas, cerca de 150 dc. que se converte ao cristianismo e viajou pela Itália, Síria, Palestina estabelecendo-se em Alexandria. Local onde estudou acabando por suceder ao seu mestre. Durante a perseguição de Sétimo Severo refugiou-se na Ásia Menor, onde faleceu antes de 215.

Autor com uma cultura vastíssima quer sobre os clássicos quer sobre o cristianismo, vai escrever obras como a Exortação aos gentios, O Pedagogo, ou Seleções. Notamos em Clemente a valorização da filosofia grega e possuidor de um pensamento simbiótico onde procura conciliar a fé cristã com os conhecimentos da filosofia. (FERREIRA, J. Lisboa : [s.n.], 2001).

Utiliza muitas vezes a forma metafórica para passar os seus ensinamentos (EUSÉBIO DE CESAREIA, 2014). Valorizava não só a alma, que era eterna, como também aspetos materiais e também a eucaristia.

Outros, nasceram já, no cristianismo, como Orígenes, originário de Alexandria, cerca de 184, filho de um mártir cristão que teve como exemplo (Leônidas). Em 203, o bispo Demétrio escolhe-o para liderar a escola de Alexandria graças às suas capacidades, entre elas a de pregação. Em 212 foi a Roma e continuou a viajar tendo sido ordenado na Palestina. Entre os seus seguidores está a mãe do imperador Alexandre Severo, a cujo pedido regressa a Antioquia. Em 232 vai para Cesareia, conseguindo prosélitos como o São Gregório Taumaturgo. Faleceu em 254, pela perseguição de Décio.

A fé cristã teve assim desde o seu início vários contributos de teólogos, pensadores, padres da Igreja entre outros eternos estudantes que procuraram aprofundar as bases espirituais e defini-las. Estes pensadores vão ser referenciados ao longo de toda a Idade Média, havendo vários manuscritos com cópias das suas obras (Manuscritos digitalizados da Biblioteca Nacional de Lisboa). Mas se chegaram até nós fontes documentais e materiais que nos permitem obter informação sobre o passado muito se deve à actuação de preservação dos mesmos pela Igreja.

A Igreja torna-se herdeira, ainda que involuntária da cultura clássica e preserva manuscritos e obras que procura aproveitar, no que se pode adaptar ao cristianismo, como o caso das obras de Platão, entre outros que são citados durante toda a Idade Média.

Mas a atividade do estudo é normalmente solitária e capaz de quebrar os espíritos mais resistentes, talvez por isso também necessitou de ter atividades que servissem para descansar o espírito (COVARRUBIAS, 1519, fol.V) e alguns “protetores”, como o caso de S. Nicolau, entre outros.

S. Nicolau

As memórias hagiológicas guardaram com particular carinho a recordação de um taumaturgo muito popular no norte do reino de Portugal, Nicolau, Bispo e Confessor, metropolitano da antiga diocese de Mira, na Ásia Menor. Partilha este santo com Sam Gonçalo de Amarante e Sam Frutuoso, arcebispo de Braga, os pontos cimeiros da crença popular, comparável apenas a santo Isidoro de Sevilha, que brilhava mais para sul (HO FLOS SANCTORUM, 1988, p. 181).

Nascido em Pátara, também na Ásia Menor, veio a celebrar-se pela

sua devoção e zelo pastoral (SILVA, L. 1994, p.11) e por uma bondade para com os fracos e oprimidos, principalmente as crianças e os jovens. No entanto infelizmente não temos muitas bases documentais da época que nos elucidem sobre pormenores da sua vida, assim a sua iconografia hagiográfica encontra-se repleta de lendas e mistérios, desde que, em 1087 as suas relíquias foram depositadas em Bari, na Apúlia, ao sul de Itália. A universalidade da sua fima encontrou tanto na vida como depois de morto motivos para justificar tal difusão, pelos inúmeros milagres que sempre lhe foram atribuídos.

A sua concepção e nascimento apresentaram-se desde logo como miraculosos, por serem seus pais de idade muito avançada e, tal como a lenda refere para S João Baptista e para Sam Gonçalo, foi considerado um filho do Milagre. Na crença popular conservada oralmente, S. Nicolau teria falado no ventre de sua mãe, característica que se revestia de santidade. Refere O padre Frei António Feo , que

“ S. Nicolao , (...), que sendo inda de mamma, nem tendo inda tempo para viver, nem comer, o tevesse para o venerar, jejuando, não querendo mammar mais que hua vez, esta à tarde na quarta e sexta feira da semana , dia em que Christo Senhor nosso por elle recebera stas divinas Chagas , scndo assy, que aos Outros dias não auía quem o tirasse dos peitos da ama.“ (MDCXVI, p.171)

Este autor compara-o a S. João Batista quer pelo milagre do seu nascimento quer da presença do Espirito Santo que o fazia jejuar em bebé (FEO, MDCXVI, p.172). Assim sendo os presságios, o que faria enquanto adulto.

Na altura das suas viagens pelo Egipto, Alexandria e Palestina, já tinha fama de fazer milagres .

Refere a lenda que, sendo três crianças Inocentes degoladas e

esquartejadas por um tirano dono de uma estalagem, o Santo, comovido pela morte daqueles seres sem mácula, os ressuscitou. Por isso, as estampas mais frequentes apresentando-o dentro de uma tina com três jovens ou com três anjos.

Outra demonstração da sua bondade S. Nicolau, sabendo que um comerciante na ruína tencionava vender a honra das suas três filhas para poder sobreviver, deu a cada uma, por sua vez e sem dizer, um dote, o que possibilitou os três casamentos e assim que não se perdessem as suas almas e a do pai. Este quando descobriu quem era o seu benfeitor agradeceu sentidamente pela salvação das almas e dos corpos. Ele

“ soccoorer àquellas tres donzelas postas em tanto perigo por razão da muyta necessidade, que padecção e em vesporas de seu pay as prostituir, para remedio do qual escolheo Deos a este Anjo, para que com melhor cuidado , e conselho acudisse a tamanho mal “ (FEO, MDCXVI, p. 173v).

A sua morte revestiu-se de características semelhantes, pois Deus dera-lha a conhecer o dia e hora do passamento, o que, segundo a crença, representava uma das maiores aspirações das almas bem-aventuradas.

Embora o santo tivesse preferido revestir a palma do martírio, tal parece não ter sido “a vontade de Deus”, tendo na morte graças especiais. com a preparação dos santos óleos, e assistência de inúmeros anjos que permaneciam na sua cela do mosteiro de Sião, em 6 de Dezembro de 340.

Embora sem um estudo critico aprofundado, Nicolau beneficiou de uma te profunda que atravessou os tempos e o seu culto era já intenso em meados do século VI. O principal motivo da sua elevação a taumaturgo pois refere António Feo” *foi obrando por meo delle maravilhas grandes, ressuscitando homens, que logo começarão a trabalhar*” (MDCXVI, p. 173v).

Iconografia

Ao difundir-se pela Europa medieval, o culto degenerou, assumindo em alguns países funções de uma religiosidade popular, eivada de certa heterodoxia, integrando-se no ciclo natalício. Assim, no norte, entre os Saxões, transformou-se em Sant' Claus corruptela de Sanctus Nicolaus continuando a ser, no entanto, o grande amigo e protetor das crianças, a quem ainda hoje oferece prendas na noite de Natal. Assim, com frequência, não apresenta as suas vestes prelatícias correspondentes à hagiologia cristã, mas uma larga garnacha vermelha e um saco enorme onde guarda os presentes. O báculo desapareceu igualmente.

O concílio de Niceia, primeiro concílio ecuménico ou universal, realizado no ano de 325 na antiga cidade da Bitínia, fora convocado pelo imperador Constantino para combater o arianismo que, de mistura com outras interpretações heterodoxas do cristianismo, atingira a cristandade.

Por esta ocasião, S. Nicolau, conta a tradição, sentiu inflamar-se a sua fé contra o heresiarca, Ario, pelo que fora duramente castigado pelos outros prelados. A defendê-lo e à justiça do sua causa, a propina presença de Jesus e de Maria. Este milagre aparece representado em gravuras e retábulos, com o santo prostrado, ladeado pelos seus divinos advogados.

O sentido de piedade litúrgica e o fervor sacramental desta fé parece afastar de certo modo, as dúvidas algumas vezes suscitadas pelas devoções populares muito intensas e do seu aproveitamento para a obtenção de graças temporais. Assim, da Holanda à Bélgica, a Espanha ou a Portugal, o santo, segundo a crença, não esquecia, nem esquece as crianças, principalmente as mais necessitadas.

Também o encontramos ligado a horas de reflexão e sofrimento como é no caso das emparedadas (mulheres que voluntariamente se encerram numa cela cuja porta é fechada com pedra e cal deixando apenas uma fresta

para se poderem alimentar), assim no Porto havia durante a Idade Média as emparedadas de S. Nicolau, na ferraria de cima, segundo a documentação do Cabido do Porto (Viterbo, 1984, p.213).

Santo Protetor

De certo, foi a sua assistência às crianças e aos jovens lhe mereceu a honra do patronado oficial das escolas e das universidades. Assim, desde a Inglaterra a Espanha, ou a Portugal, as suas festas populares sempre foram acompanhadas de grande alegria e de espírito jovial, havendo muitas vezes, uma distribuição de pão, cerveja ou vinho, conforme a região, carne ou peixe a um elevado número de estudantes. Eram, portanto, dias festa para os estudantes quando os festejos religiosos em honra de um patrono levavam à interrupção das aulas. E os escolares aproveitavam-nos bem (CARVALHO, Joaquim de, p. 422.).

Uma importante vertente do culto de S.Nicolau no Norte do país relacionava-se portanto com os estudos, universitários ou não, e com os seguidores, apresentando mesmo um carácter associativo, com formação de irmandades e confrarias (CARVALHO A., 1956, p. 46).

“ Esta parábola se traz na festa do glorio S. Nicolao, em quem Deos pós tantos talentos e béés do Ceo, porque soube tambem aproveitar com élles, e fez tantos milagres que se não podem contar, e assim canta a Igreja santa dele” (GALVÃO, F. Sermões Das Festas Dos Santos, 1615.)

No centro do país, também a universidade de Coimbra celebrava com pompa o dia do patrono dos estudantes. Havia missa e sermão em que se veneravam os oragos, um dos quais era evidentemente S. Nicolau e o outro

Santa Escolástica. Muitas vezes, nestas solenidades formava-se o préstito em que se incorporavam os lentes e todo o corpo académico, com grande pompa. E o mesmo tipo de festividade, acompanhada de celebrações profanas tinham lugar em Salamanca, universitária por excelência, onde até o Demónio era professor.

Não ficou reduzida a esta vertente de proteção aos escolares, embora de grande importância, a fé devida ao taumaturgo, pois na sua vida encontraram os crentes motivos para invocar a sua ajuda nos momentos de perigo. Assim, os homens do mar encontravam na sua benignidade particular estímulo, recordando a tempestade que apaziguou quando da sua peregrinação à Terra Santa. Refere António Feo (MDCXVI, p. 173v) ” *pronosticando tempestades, amañando-as*”.

Os “queimados” do fogo tinham na sua proteção abrigo seguro, tal como ressuscitara, no dia da sua sagração, o moço sufocado pelas chamas.

Em todo o norte do país, os doentes encomendavam a S. Nicolau a cura das suas enfermidades devido aos milagres a ele associados: *E aportando este sol a Alexandria, concorrem a elle aleliados, coxos , segos , e endemoninhados, aos quaes todos sarou.* (FEO, MDCXVI, p.173v).

e associavam a estas celebrações o culto de Sam Gonçalo. Este fora, dizia a lenda, levado à cidade de Braga por seu pai que, apesar de aferrado às coisas do mundo, vira a graça crescer naquela criança e,

“entrando no paaço do senhor arcebispo, com a reverencia que pode, as cousas que levava lhe offereceo e mfm seu filho lhe apresentou e do nacimiento e baptismo e todallas outras cousas que se acontecerom comprida enformaçom” (HO FLOS SANCTORUM, 1988,. pp. 160-161).

Também os injustiçados encontravam nas orações a estes oragos o alívio de suas penas. Nas Igrejas em que era patrono ou nos altares da

sua proteção depunham mais tarde os ex-votos representativos dos muitos milagres alcançados - membros superiores e inferiores, geralmente de cera ou toscamente moldados em diferentes materiais, cabecinhas de cera, quadrinhos de combates ou de perdas no mar, nos quais os seus devotos haviam sentido perigar a vida.

Outras vezes, em ocasião de secas, recorria-se ao bom santo para obter a abençoada chuva que iria salvar a magra colheita. Nestes casos, havia que depor algumas espigas no altar, ou enfeitar com as hastes os tabuleiros do pão, quando das oferendas regionais.

Em Portugal o Santo teve grande importância em Guimarães. Nas efemérides vimaranenses ligadas à vida académica, o culto do santo constituía uma peça fundamental, em que as suas festas como padroeiro dos estudantes em geral e dos escolares de Guimarães em particular, as festas nicolinas ou, mais simplesmente, as nicolinas, ora mortas. Ora ressuscitadas, conforme a época, mereciam especial referência.

Tendo a colegiada² de Santa Maria de Guimarães a honra de ser a iniciadora dos estudos nesta cidade, nela se veio a ensinar, pelo menos a partir do século XIII, a gramática latina, canto chão e teologia moral. No início do século XV o ensino encontrava-se em decadência, a gramática latina estava suspensa ou interrompido o seu ensino, o mesmo acontecendo com o ensino do cantochão, a partir da dispensa do mestre - escola, em 1488.

Não era somente o sexo masculino a beneficiar do amor ao próximo do bom santo. Ao longo do ano, também as jovens encontravam em S.

2 “Colegiada” - termo usado para uma corporação de padres que, embora com honras de cônegos, não estão dependentes da sé mas sim de um abade ou prior”. in J Leite de Vasconcelos, “Vida Tradicional portuguesa” In *Etnografia Portuguesa*, vol. III, Lisboa, 1980, p. 514.

Nicolau um santo protetor, principalmente das suas questões amorosas, pelo que o seu nome aparecia ligado ao de Santo António nos assuntos do coração. Havia simpatias para saber o nome do conversado ou do futuro marido, outras para convencer a ir ao altar algum admirador mais renitente. Outros países europeus acompanhavam esta crença. Em França, nos arredores de Pleubian, as mulheres para conceber, acariciavam os seios com uma imagem do santo, na crença de uma maternidade próxima (LEÃO, D., 1785, p. 181).

Também no dia deste orago era costume antigo espantar o demónio. Para isso, acendiam fogueiras e praticavam grande alvoroço. Demónios, mortos, trasgos, fradinhos “do inferno” e outras figuras ou seres mais ou menos indefinidos e sinistros corriam mundo entre o dia de Natal e o dia de Reis, afugentados apenas pelo poder do taumaturgo. Algumas vezes, quando ocorria associar-se este orago a Sam Gonçalo, mereciam especial fé popular, especialmente na região de Amarante e zonas limítrofes, de onde este santo era natural.

As “comédias” desenvolvem-se no teatro medieval e renascentista, desde as festas populares, aos dramas sagrados, ou das obras literárias da Antiguidade Clássica às representações profanas. Na Idade Média em toda a Europa Ocidental, a Igreja era um centro de animação das atividades dramáticas de devoção, ao mesmo tempo que favorecia os espetáculos profanos com cunho bastante livre, atrevido e antirreligioso até.

As nicolinas dentro do culto deste orago, S.Nicolau, cujo dia, segundo o *Flos Sanctorum*, se festejava a 5 de Dezembro, mas que não coincide rigorosamente com a tradição popular portuguesa atual, estavam ligadas ao ciclo da Circuncisão e Epifania, com características muito semelhantes quer em Portugal quer nos outros reinos ibéricos.

De Dezembro a Janeiro realizavam-se nos templos representações

teatrais, ludi theatrales ou jogos de escárnio, destinados a actualizar como catalizadores das tensões religiosas (e sociais) a que a época fazia jus. O culto de S.Nicolau, no mês de Dezembro, estava nesta área relacionado intimamente à popular “eleição do Bispo”, participando do risus paschalis, que, com suas liberdades e excessos, anunciava a proximidade do Entrudo.

Celebravam-se ainda em Dezembro e pertencendo a este ciclo, a Festa dos Meninos, a Festa dos Loucos com as suas brincadeiras pesadas, que passaram da época medieval e que se mantiveram mais ou menos subjacentes a partir da doutrinação mais rigorosa no século XVI. (SCHACK, A.F, *Historia de Ia literatura y del arte dramático en España*. vol_1. Madrid 1862, pp. 173-174). Na verdade, desde o ano de 663, data do concílio de Toledo, que a Igreja procurara proibir na península esse tipo de excessos festivos, sem nunca ter conseguido erradicá-los completamente (COELHO, A., Lisboa, 1986, pp. 142-145).

A morte de Cristo correspondia a um paroxismo de dor os homens preparavam-se para lhe fazer face com o tumulto das cavalgadas populares e o estrépito dos risos.

As actividades cénicas proporcionavam uma apreciável receita e eram um elemento de ligação com a comunidade geográfica e de inserção social. Por isso, os escolares, docentes e discentes, eram incentivados pelas escolas e universidades a desenvolver essas representações. Tal acontecia, conforme as épocas, um pouco por toda a península, desde Salamanca a Évora, de Coimbra a Guimarães.

Podiam os diálogos, falas ou recitações serem proferidos em língua vulgar ou em Latim, embora nos festejos populares que aqui referimos o português, o galego, o castelhano, ou, de preferência, uma mistura tornada risível destas línguas, ao jeito de Gil Vicente, fosse o linguarejar mais frequente.

As nicolinas, festas de estudantes, prestavam homenagem à Mulher com algumas assinaladas gentilezas. Referimo-nos à maçã dos estudantes, maçã das festas ou apenas ou maçãzinha, que os escolares ofereciam à donzela dos seus pensamentos. Nesses dias, em que as moças de família podiam abrandar a sua reclusão, assistiam das janelas e dos eirados à passagem do cortejo das festas, ostentando atavios que realçavam a sua formosura. O costume recuava até à Época Medieval, quando os “mocinhos” ou “Meninos do Coro” da Colegiada ofereciam algumas maçãs aos fidalgos e outra gente importante da terra para receber em troca os seus foros ou outros donativos.

Com o tempo, transformou-se, qual milagre de Santa Isabel, em grinalda tecida com hastes floridas a oferecer às jovens de sua predileção. E, como também nessa época distante os desafios de perícia eram igualmente oferecidos às damas, os estudantes inspiraram-se em usos antigos para, em vez dos torneios do Toural onde concorriam os mais hábeis cavaleiros d’Entre Douro e Minho, mais prosaicamente, mas não com menos gallardia, oferecerem a maçãzinha ou o bolo doce na ponta da sua lança, adornada com fitas e laços. As meninas janelleiras recebiam o preito entre risos e faces coradas, o melhor agradecimento para o moço que, no seu corcel, demandava a sua janela.

Mais modernamente, nas noites nicolinas acontecia seguirem-se as roubalheiras. Também elas oriundas de um passado distante ou da liberdade estudantis desses tempos, tudo devia mudar de lugar nessas noites, encontrando bom recebimento junto do pinheiro. Vasos janelleiros, bancos, canastras, tudo o que pés leves e mãos ligeiras podiam furtar, apesar dos cuidados de seus donos, caminhava no sentido da praça, onde ficaria aguardando a chegada do perdedor até ao dia seguinte.

Conclusão:

Os séculos iniciais do cristianismo são de grande fruto espiritual e é nesta época que surge S. Nicolau. Durante a sua vida é apontado como autor de vários milagres e de atuações de bondade e altruísmo, especialmente para com os jovens e crianças.

Santo protetor dos pescadores e das crianças, é assim associado aos estudantes, onde em Portugal atinge grande dimensão nos estudos e festejos em Guimarães, é também por isso que distribui presentes aos petizes no Natal.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO A., O S. Nicolau dos Estudantes, 2a edição. Guimarães, 1956, p. 46.
- CARVALHO, J., As Universidades da Europa na Idade Média, vol. III, p. 422.
- COELHO, A., Quadros para uma Viagem a Portugal no século XVI , Lisboa, 1986, pp. 142-145.
- COVARRUBIAS, frei Pedro de, Remedio de los jugadores, Burgos, imp. Alonso de Melgar, 1519.
- EUSÉBIO DE CESAREIA, História Eclesiástica. Rio de Janeiro, 2014.
- FEO, A. Trattados Das Festas E Vidas Dos Santos, Lisboa , imp. Jorge Rodriguez. MDCXVI, p.171.
- FERNANDES, N. As Festas Nicolinas em Guimarães- Propostas de valorização Turístico- Cultural. Mestrado da Universidade do Minho, Universidade do Minho, 2014.

- FERREIRA, J. A Relação Fé-Cultura No Cristianismo Antigo [Texto Policopiado] : Da Geração Apostólica A Clemente De Alexandria. Lisboa : [s.n.], 2001
- GALVÃO, Francisco Fernandez, Sermões Das Festas Dos Santos, Madrid: Alonso Rodriguez Gamarra, 1615.
- HO FLOS SANCTORUM em Língoage: os Santos Extravagantes, apres. e notas de Maria Clara de Almeida Lucas. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica 1988, p. 181.
- LEÃO, Duarte Nunes do. Descrição do Reino de Portugal; Lisboa, na Oficina de Simão Thadeo Ferreira, 1785, p. 181.
- MONTEIRO, J. Á volta das “As Três Religiões do Livro”. In: BORGES, A. (Org) As Três Religiões do Livro. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- ORÍGENES, glosa ao evangelho de são mateus. Sermões de orígenes]In Exodum homiliae, co-autor; Anselmo de Laon, co-autor, [1276- (f. 102-106) . - / Orígenes (f. 116-117 v.) . - Homilia in Librum Regnum I / Orígenes (f. 118-120) , XII-XIII.
- SCHACK, A.F, Historia de Ia literatura y del arte dramático en España, vol_1. Madrid: 1862, pp. 173-174.
- SERRÃO, J. VERÍSSIMO, História de Portugal. vol. IV, Lisboa: Verbo, 1979, pp. 12- 14.
- SILVA, L. A sua Irmandade e a sua Capela na Insígne e Real Colegiada de Guimarães. Braga: Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, 1994.
- SILVA, L. A Alma e graça das Festas Nicolinas, Guimarães: Ideal, Artes gráficas , 2000
- SILVA, L. Guimarães e as Festas Nicolinas – Associação Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães. Guimarães: Ideal Artes

gráficas, 1991.

VÁRIOS, *História Augusta*. Trad. Coimbra; Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

VASCONCELOS, J. *Vida Tradicional portuguesa*. In Vasconcelos J. (org) *Etnografia Portuguesa*, vol. III, Lisboa, 1980, p. 514.

VITERBO, Fr. J. *Elucidário*, Vol II. Porto – Lisboa : Livraria Civilização, 1984.